

## IMAGENS DA GUERRA FRIA NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS: “NA PRAIA” DO UNIVERSO FICCIONAL HELLBLAZER

IMAGES OF THE COLD WAR ON COMIC BOOK: ON THE BEACH” IN THE FICTIONAL UNIVERSE HELLBLAZER

Danilo Linard Teodoseo

<danilo.linard@bol.com.br>

Doutorando em História, área de Concentração em História Social no PPGH

Universidade Federal do Ceará

<http://lattes.cnpq.br/2864620024676827>

### RESUMO

A fertilidade das problematizações historiográficas decorrente da utilização de histórias em quadrinhos como fonte de pesquisa e recurso didático no trabalho cotidiano do historiador tem se tornado cada vez mais comum e sugere um vasto horizonte de possibilidades, perpassando os mais variados campos da história, além de reforçar contatos interdisciplinares. Em face disso, procuramos analisar neste trabalho algumas imagens da Guerra Fria (período de tensões políticas, ideológicas e militares, veladas e (in)diretas, alimentado pelos Estados Unidos e pela então União Soviética, cada qual liderando um grupo de países e zonas de influência, entre os anos 1945-1989/1991) representadas nas páginas de uma história em quadrinhos em particular, intitulada “Na Praia”, publicada em 1989, integrante do universo ficcional Hellblazer. Apresentamos as características gerais da linguagem dos quadrinhos e do universo ficcional Hellblazer e como as temáticas relacionadas à Guerra Fria são inseridas na trama dessa história em quadrinhos. Para efeito de discussão, propomos um diálogo com algumas reflexões formuladas pelo historiador inglês Edward P. Thompson (1924-1993), derivadas de seu esforço em compreender os fenômenos da Guerra Fria, da corrida armamentista e das ameaças de guerra mundial nuclear que marcaram aquele período. Acreditamos que a trama dessa história em quadrinhos apresenta, pelas lentes da ficção, alguns aspectos que estiveram presentes ao longo dos anos 1980, nos colocando em contato com algumas das sensibilidades daquele momento histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** História em Quadrinhos; Hellblazer; John Constantine; Edward Thompson; Guerra Fria;

### ABSTRACT

The fertility of historiographical problematizations from the use of comics as a source of research and teaching resource in the historian's daily work has become increasingly common and suggests a wide horizon of possibilities, passing the most varied fields of history, in addition to strengthening interdisciplinary contacts. On the face of it, we analyzed in this work some images of the Cold War (period of political, ideological and military tensions, veiled and (in)direct, fueled by the United States and the Soviet Union, each leading a group of countries and zones influence between the years 1945-1989/1991) represented in the pages of a particular comic book, titled "On the Beach", published in 1989, a member of the fictional universe Hellblazer. Here we show the general characteristics of the language of comics and the fictional universe Hellblazer and how issues related to the Cold War are inserted in the plot of this comic. For the sake of argument, we propose a dialogue with some reflections made by the English historian Edward P. Thompson (1924-1993), derived from his efforts to understand the phenomena of the Cold War, the arms race and nuclear world war threats that marked that period. We believe that the plot of this comic book shows, through the lens of fiction, some aspects that were present throughout the 1980s, putting us in touch with some of the sensibilities of that historic moment.

**KEYWORDS:** Comic Books; Hellblazer; John Constantine; Edward Thompson; Cold War;



## INTRODUÇÃO

Tentamos abordar alguns elementos derivados de um conjunto de reflexões propostas pelo historiador inglês Edward P. Thompson (1924-1993) acerca da Guerra Fria, período marcado pela disputa político-ideológica entre EUA e U.R.S.S iniciada em fins de 1945, cujos marcos finais “tradicionais” seriam a queda do muro de Berlim (1989) ou o “fim” da União Soviética (1991). Durante a década de 1980 esse historiador adotou uma postura de engajamento intelectual que, para muitos, pode ser mero ativismo, termo esse que, quando entendido de maneira pejorativa, consistiria em uma ou várias reivindicações dotadas de caráter utópico ou até mesmo despolitizadas.

Somos inclinados a entender a postura de Thompson não como um tipo de ativismo ingênuo, mas sim, como um engajamento intelectual no sentido pleno da palavra. Esse historiador, para além de suas predileções teóricas, políticas e filosóficas, não se deteve numa postura meramente defensiva no tocante aos ideais que compartilhava, à primeira vista, com o que podemos chamar de “bloco soviético”, dada sua filiação teórica ao materialismo histórico.

Numa postura extremamente crítica, esse historiador não se furta em apontar as contradições presentes em ambos os blocos. Acreditamos que essa percepção do cenário em sua totalidade enriquece suas análises. Ao invés de defender encarniçadamente um dos blocos, Thompson se preocupa em formular quadros analíticos gerais que sintetizem as contradições mais aparentes, geradoras dos principais impasses, oferecendo, então, outras alternativas, outros pontos de vista sobre os debates.

Para efeito de discussão, escolhemos uma história em quadrinhos, intitulada “*Na Praia*”, que fora publicada no final da década de 1980 e que possui como temática, justamente, os receios oriundos de uma guerra nuclear mundial, um dos maiores temores durante a Guerra Fria. Essa narrativa gráfica faz parte de um universo ficcional que tem como personagem principal um anti-herói, o mago ocultista John Constantine. Criado pelo inglês Alan Moore, renomado autor e roteirista de histórias em quadrinhos, e desenvolvido por uma série de outros roteiristas, o personagem Constantine é figura central da série de revistas *Hellblazer*, publicada desde os anos 1980 até fins de 2015. Essa revista integrante desse universo ficcional representou em suas páginas, em seu enredo, inúmeras sensibilidades oriundas da Guerra Fria.

Assim sendo, nosso trabalho será constituído por duas seções. A primeira, intitulada “**A Linguagem das Histórias em Quadrinhos: Uma Aproximação**”, procura oferecer, em linhas gerais, um panorama dos aspectos que constituem a linguagem das narrativas gráficas. Nesse momento, nos apoiamos principalmente nos pressupostos de Will Eisner (1989; 2005) e de Scott Mccloud (1995), que se esforçaram por lançar as bases de uma verdadeira teoria das histórias em quadrinhos.

Na segunda seção, “**A Guerra Fria e a Ameaça Nuclear nas Páginas dos Quadrinhos**”, tentamos analisar mais detidamente algumas imagens e representações acerca da Guerra Fria que se fazem presentes na história em quadrinhos “*Na Praia*”. Em complemento à primeira seção estabelecemos, nessa segunda seção de nosso trabalho, alguns contrapontos com as reflexões e questionamentos que Thompson, em seu pleno engajamento intelectual, formulou como crítica à esse momento que ele mesmo viveu. Por fim, tecemos algumas conclusões parciais, esperando contribuir de alguma forma na compreensão dos elementos e temas que nossa discussão procura colocar em evidência.

## **A LINGUAGEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA APROXIMAÇÃO**

A linguagem das histórias em quadrinhos sofreu e talvez ainda sofra com uma série de preconceitos por parte do senso comum. O mais corriqueiro entre eles é o de que, pelo seu apelo gráfico, essa linguagem seria “menor”, tanto em sua forma, quanto em seu conteúdo. Todavia, autores como Will Eisner e Scott Mccloud, para citar os mais emblemáticos nesse ponto, ressaltam que a característica mais forte, mais expressiva da linguagem das histórias em quadrinhos é, justamente, sua articulação entre a imagem e a palavra escrita.

Ainda que essa articulação se faça presente em outras linguagens artísticas, como a do cinema, da televisão e a dos desenhos animados (variando, em cada caso, os usos da imagem e da palavra falada/escrita), no tocante aos quadrinhos ela é muito mais fundamental. Scott Mccloud (1995), por exemplo, seguindo alguns pressupostos do próprio Will Eisner, define aquilo que poderíamos chamar, a princípio, de materialidade dos quadrinhos, ou seja, o seu “meio”, o seu “ambiente”:

A forma artística – **o meio** – conhecida como quadrinhos é um **recipiente** que pode conter **diversas ideias e imagens**. (...) O “conteúdo” dessas imagens e ideias

depende, é lógico, dos **criadores**, e todos nós temos **gostos** diferentes. (...) O **truque** é nunca confundir a **mensagem** (...) com o **mensageiro**. (MCCLLOUD, 1995, p.06) Grifos do autor

Isto significa dizer, portanto, que o conjunto de páginas que constituem os “quadrinhos” é uma forma específica de expressão artística e pode conter uma variedade praticamente infinita de significados e conteúdos, inclusive os mais infantis, conforme a disposição de seus autores, assim como, de seu público leitor. Na mesma busca por um esclarecimento dos termos que envolvem a compreensão dos quadrinhos, Will Eisner define:

NARRATIVA GRÁFICA [como] uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Os filmes e as histórias se encaixam na categoria das narrativas gráficas. (...) [Eisner define, por outro lado, os QUADRINHOS como sendo] a disposição impressa de arte e balões em sequência, particularmente como é feito nas revistas em quadrinhos. (EISNER, 2005, p.10)

Assim sendo, ainda que desenhos animados, filmes ou programas televisivos utilizem uma articulação entre imagem e palavra (falada ou escrita), o modo particular como esses elementos são utilizados nas histórias em quadrinhos é que garante sua especificidade enquanto forma de expressão artística.

Isto porque, por exemplo, como no caso do cinema, não há apenas uma articulação entre imagem e palavra (falada ou não). Na linguagem cinematográfica concorrem outros tantos elementos que lhe são próprios, desde elementos “em cena” (atores e seus modos de interpretar, figurinos, objetos de cenografia/cenário, etc.) quanto elementos “fora de cena” (direção, utilização de efeitos especiais, trilha sonora, etc.). Todo esse conjunto de elementos apresenta tanto materialidades distintas, como também uma temporalidade específica.

Na tela do cinema, como na televisão, nos filmes, desenhos animados e programas televisivos, as imagens que nosso olhar contempla se sucedem “no tempo” e no “espaço”. Entretanto, nas histórias em quadrinhos, a apresentação de seus elementos gráficos e/ou escritos ocorre noutra perspectiva. Numa definição mais técnica, Scott Mccloud afirma que histórias em quadrinhos seriam “...imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (MCCLLOUD, 1995, p. 09).

Quando nos deparamos com uma página de uma história em quadrinhos seus elementos gráficos não se sucedem no tempo e no espaço, isto é, uns não “tomam” o “lugar” dos outros em nossa percepção. Pelo contrário, na leitura de um quadrinho entramos em contato com imagens que se apresentam numa justaposição sequencial, ou seja, que estão ocupando um mesmo espaço, no caso, o da página. Ao lado (Fig. 01), Will Eisner oferece como exemplo o desenrolar de uma cena bastante simples, mas que apresenta o elemento gráfico e sua contribuição para a compreensão da narrativa (EISNER, 1989, p.25).



Fig.01 Tempo e Narrativa Gráfica/Will Eisner (1989)

Definir as histórias em quadrinhos como narrativas gráficas, seguindo, aqui, a acepção de Will Eisner, é sublinhar a ligação essencial entre a palavra escrita e a imagem, mas também é assinalar o potencial da própria imagem como elemento narrativo. Isto porque ainda que a cena retratada na imagem acima não possua o elemento escrito que orienta o leitor na compreensão da ação, tal compreensão não é defasada porque a justaposição das imagens numa lógica sequencial ocupa, no espaço da página, o papel de condutor da compreensão narrativa que as palavras escritas no quadrinho desempenhariam. Uma ação é narrada só com imagens.

Assim, o próprio meio de expressão gráfica das histórias em quadrinhos já contribui para a narrativa que se deseja apresentar. Isto não é apenas uma questão de forma, uma questão estética: é toda uma forma de expressão narrativa que a linguagem dos quadrinhos explora. E o modo como isso ocorre varia diametralmente de um autor para o outro, de um estilo para o outro e, como não poderia deixar de ser, de um conteúdo, que se deseja transmitir, para outro.

Uma história em quadrinho, portanto, apresenta um potencial próprio quando se prontifica a narrar. Ela pode se expressar na sua forma mais usual, empregando o elemento escrito juntamente com o gráfico (na forma dos tradicionais “balões” de diálogo ou pensamento e/ou nas clássicas onomatopeias), ou pode apresentar todo o desenrolar de uma ação acentuando para o leitor o aspecto gráfico. Abaixo, vemos outro exemplo que Will Eisner nos oferece (Fig. 02).



Fig.02 O Timing na Narrativa Gráfica/Will Eisner (1989)

A ação apresentada na imagem anterior “demora” menos “tempo” para acontecer do que a imagem ao lado, cujo “timing” (EISNER, 1989, p.25) exige que o leitor estabeleça mais articulações conclusivas para, enfim, compreender “o que aconteceu” sem necessariamente recorrer à palavra escrita. Pela justaposição das imagens, compreendemos a narrativa da ação que elas desejam transmitir.

Historicamente, a presença dos quadrinhos na sua forma atual em nossa dimensão cultural é recente. Seu desenvolvimento perpassa o uso mais ou menos corrente de termos como “charge”, “caricatura”, “comics”, “band desiné”, “banda desenhada”, “tirinhas” “gibi”, etc.. Sob esses termos definidores, o quadrinho como forma de expressão artística que utiliza a articulação entre imagens e palavra escrita (ou não) remonta, aproximadamente, ao final do século XIX, adquirindo uma popularidade progressivamente astronômica durante todo o século XX, tanto no ocidente quanto no oriente.

Enquanto fenômeno histórico recente, a década de 1980 figura como marco essencial para uma redefinição dessa forma de expressão artística. Até esse período, ainda pesava sobre os quadrinhos o preconceito de que eles eram “menores”, “infantis” por excelência. O curioso é que, ainda nos anos 1950, alguns moralistas enxergavam nos quadrinhos uma verdadeira “ameaça” aos “bons costumes”, podendo degenerar facilmente uma criança no período de formação de sua personalidade, como defendia Fredric Wertham, no livro “A Sedução dos Inocentes”, publicado em 1954, que “teorizou” e alimentou muitos preconceitos.

A partir dos anos 1980, personagens clássicos do universo dos quadrinhos foram reinventados por autores que lhes deram um tom mais “adulto”, aproximando o mundo dos quadrinhos de temas mais sérios e da própria literatura. Essa renovação não eliminou o papel das histórias em quadrinhos como atividade mais do que saudável entre jovens e crianças na fase de letramento. Não somente intensificou o potencial dos quadrinhos como atividade

lúdica/pedagógica, como ampliou e consolidou essa forma de expressão artística que, tal como outras formas de arte, não se furtou em discutir os dramas e as tramas de seu tempo histórico.

A utilização narrativa de imagens (articuladas ou não com palavras escritas) é muito antiga. Scott Mccloud (1995, p.10-20), por exemplo, afirma que “parentes” próximos dos quadrinhos atuais (no tocante ao seu potencial narrativo) podem ser vistos num conjunto de pinturas encontradas por Cortez quando este conquistava os Astecas. Tais pinturas relatam a história de “Garras de Tigre”, um guerreiro daquela civilização. Outros exemplos citados por Mccloud são a iconografia egípcia, como os presentes na Tumba de Menna, ou mesmo a Tapeçaria *Bayeux*, que narra as batalhas de Guilherme, o Conquistador, nas terras da Inglaterra Medieval.

Como dissemos, foi durante a década de 1980 que houve uma renovação no tratamento de muitos personagens e histórias em quadrinhos, seja reinventando muitos deles dentro de uma perspectiva mais “adulta” (como o HQ “Batman, O Cavaleiro das Trevas” (1984) e “Batman – Ano Um” (1987), ambos de Frank Miller), seja com a criação de quadrinhos com tramas originais (por exemplo, “*Watchmen*” e “*V de Vendetta*”, ambos criados nos anos 1980, pelo inglês Alan Moore). Estes são apenas exemplos pontuais que nos conectam com a próxima seção deste trabalho. Seja na reinvenção da “personalidade” do Batman, operada por Frank Miller, seja nos quadrinhos criados por Alan Moore, um pano de fundo histórico, direta ou indiretamente, terminou sendo comum à esses HQ’s de Miller e Moore citados acima: A Guerra Fria.

No caso da HQ “Batman – O Cavaleiro das Trevas”, de Frank Miller, a Guerra Fria é um tema relevante, pano de fundo indireto da luta entre os ícones, Superman e Batman. No caso de “*V de Vendetta*”, sua trama ocorre durante (ou após) a Guerra Fria, que culminou numa guerra nuclear, apresentando a luta de um sujeito sem nome (ou melhor, com um codinome, “V”), contra um estado totalitário/fascista (nos moldes pensados por George Orwell), instalado na Inglaterra.

No caso de *Watchmen*, o tema da Guerra Fria envolve todos os personagens, que atuavam como “vigilantes”. Alan Moore especula nessa HQ o que ocorreria se efetivamente existissem “heróis” no mundo real e como eles se posicionariam em face dos dilemas políticos, éticos ou ideológicos sugeridos pela corrida armamentista e pela Guerra Fria. Dai o mote da trama oriundo da frase latina “*Quis Custodiet Ipsos Custodes*”, “Quem Vigia os Vigilantes?”.

Na sequência, abordaremos como algumas imagens da Guerra Fria foram apresentadas na trama de uma revista integrante do universo ficcional *Hellblazer*, com roteiro de Jamie Delano. Acreditamos que essa narrativa gráfica pode nos ajudar a discutir algumas das sensibilidades então vigentes na década de 1980.

## 2 A GUERRA FRIA E A AMEAÇA NUCLEAR NAS PÁGINAS DOS QUADRINHOS

O universo ficcional “*Hellblazer*” tem como protagonista um anti-herói, o personagem John Constantine, criado pelo inglês Alan Moore (1953 – ), autor de inúmeras outras histórias em quadrinhos. Constantine, inicialmente, era um personagem coadjuvante noutro HQ, “O Monstro do Pântano” (*The Swamp Thing*), que fora reformulada nos anos 1980 por esse autor inglês. Como ocorreu com outros personagens de HQs ao longo dos anos 1980, que foram inspirados em ídolos da cultura pop, o mesmo ocorreu com a aparência de John Constantine, inspirada no cantor e compositor Sting. Constantine foi criado como sendo um membro da classe média/operária inglesa que envereda por outros caminhos ao se aproximar do movimento punk e do ocultismo, em fins dos anos 1970. Constantine pode ser definido como um anti-herói na medida em que situa-se bem distante dos arquétipos heróicos de virtude e altruísmo que estruturam outros personagens.

Constantine é um mago ocultista, conjurador de demônios e entidades, quase sempre levando à morte pessoas e amigos ao seu redor. Utiliza suas “habilidades” para ganhar dinheiro fácil em jogos de azar, bebe e fuma constantemente, além de utilizar alucinógenos. Está mais interessado em salvar a própria pele do que, altruisticamente, a dos outros. Mesmo quando, em certas narrativas, ele literalmente “Salva o Mundo”, o faz antes para salvar a si mesmo. Apesar de hedonista, egoísta, não se furta em criticar o governo britânico dos anos 1970-80, nem de apoiar minorias étnicas ou de gênero.

Alan Moore não desenvolveu esse personagem integralmente. Outros autores, durante fases mais ou menos longas e distintas se encarregaram disso. Um deles foi o inglês Jamie Delano (1954- ). Inicialmente trabalhando como taxista, tornou-se responsável por uma série de roteiros clássicos envolvendo Constantine, inclusive o da HQ aqui analisada. Anteriormente inserido nas histórias do “Monstro do Pântano”, Constantine obteve sua revista mensal lançada pelo selo Vertigo, voltado para o público mais adulto, pertencente à editora DC Comics.

Atualmente as histórias de Constantine estão sendo reformuladas ao deixarem o selo Vertigo, visando um público mais jovem. Nessa reformulação, algumas características originais do personagem/história são “suavizadas”, motivando críticas por parte dos fãs mais tradicionais. Outro detalhe interessante, por fim, é que o personagem (pelo menos nas 300 edições lançadas desde os anos 1980 sob o selo Vertigo) segue a cronologia real, ou seja, ele “envelhece” a cada ano. Suas histórias não obedecem a um tempo ficcional, mas ao nosso tempo, nossa cronologia.

Enquanto forma de arte, as narrativas que constituem o universo *Hellblazer*, como a criada por Delano, ancoram seus enredos nos dilemas que marcavam seu próprio tempo. Assim, é possível encontrar nessas histórias em quadrinhos diversas referências ao governo de Margaret Thatcher, ao xenofobismo inglês contra imigrantes (sobretudo paquistaneses), assim como aos dramas oriundos da epidemia da AIDS, do racismo e da homofobia. Para nossa discussão, analisamos algumas imagens acerca da Guerra Fria presentes numa das revistas do universo *Hellblazer*. Tal quadrinho (Fig. 03) intitula-se “Na Praia” (1989), e foi publicado, inicialmente, na 13ª edição da revista *Hellblazer*, em 1º de janeiro de 1989, na Inglaterra e Estados Unidos. Posteriormente essa série de HQs seria publicada no Brasil, ainda que de modo inconstante.



Fig.03 Constantine/Rayner e Buckingham (1989)

Os impasses gerados sob o contexto da Guerra Fria eram os mais dramáticos, na medida em que colocavam em xeque o próprio destino da humanidade. Desenrolando-se desde o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os debates acerca da Guerra Fria e da corrida armamentista mobilizaram inúmeros estudiosos, entre os quais, o historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993).

Autor de prestigiada obra historiográfica, Edward Thompson, na década 1980, revelou outra faceta enquanto intelectual. Através de textos, entrevistas e conferências, manifestou suas análises acerca dos impasses que colocavam em blocos opostos as maiores superpotências da

época, Estados Unidos e a União Soviética. As análises de Thompson entram por uma porta larga: o perigo constante da utilização e fabricação de armas nucleares e a necessidade de desarmamento. Todavia, ela vai além:

Todos nosotros sabemos que existe un exceso de armas nucleares y que muchas de ellas se han hacinado en nuestro continente: minas terrestres, artillería, torpedos, cargas de profundidad, proyectiles de emplazamiento y lanzamiento terrestre, submarino y aéreo. Tal vez discrepemos respecto de las proporciones exactas del <<equilibrio>> armamentista que corresponden a las partes contendientes. Pero sabemos también que cuando la capacidad de excedente de muerte del actual arsenal está en condiciones de destruir las posibilidades de vida civilizada en nuestro continente una treintena de veces, los cálculos y estimaciones del <<equilibrio>> son irrelevantes. (...) Se habla actualmente de instalar armas laser en la Luna, armas que, en la acepción más literal, serían lunáticas.(THOMPSON, 1983, p.200)<sup>1</sup>



Fig.04 Protestos /Rayner e Buckingham (1989)

É louvável o esforço de Thompson em dedicar parte de sua energia intelectual na reflexão dessas questões. Mais do que fixar-se na defesa de seus posicionamentos políticos particulares, Thompson parte deles em direção à análises mais amplas, ou seja, não toma sua bagagem teórica como uma fronteira, uma barreira, mas, sim, como um ponto de partida. Tal como ele comenta na citação anterior, a capacidade bélica de destruição alcançada durante a Guerra Fria ultrapassou em muito as “garantias” de paz e de sobrevivência que o “equilíbrio” entre as potências podia proporcionar. Um mero acidente com armamentos nucleares poderia, por exemplo, gerar consequências irreversíveis.

Na narrativa da revista que analisamos, o personagem John Constantine encontrava-se numa cidadezinha inglesa litorânea, indeterminada. Nesse local, quando criança, Constantine

<sup>1</sup> Todos nós sabemos que existe um excesso de armas nucleares e que muitas delas têm se acumulado em nosso continente: minas terrestres, artilharia, torpedos, cargas de profundidade, mísseis de localização e lançamento terrestre, submarino e aéreo. Talvez discordemos a respeito das proporções exatas do “equilíbrio” armamentista que correspondem às partes contendoras. Porém, sabemos também que quando a capacidade de excedente de morte do atual arsenal está em condições de destruir as possibilidades de vida civilizada em nosso continente trinta vezes, os cálculos e estimativas do “equilíbrio” são irrelevantes. Fala-se atualmente de instalar armas laser na Lua, armas que, em sua acepção mais literal, seriam lunáticas. (Tradução nossa).

passava as férias com seu pai e sua irmã. Muitas memórias vêm à tona e se chocam com o presente vivido pelo personagem. Nas edições anteriores duas pessoas haviam morrido e pesava sobre ele a culpa por essas mortes. Na tentativa de sair do foco, Constantine tenta “esconder-se” nesse lugar. Lá, percebe a existência de protestos (Fig. 04) contra energia e armas nucleares, haja vista que nesse mesmo local, próximo à praia, havia uma usina nuclear funcionando à todo vapor. (DELANO, 1989, p.02).

Edward Thompson considerava protestos semelhantes à esses como válidos, mas por si só isso não bastava. O que assustava e tornava pessimistas os prognósticos eram, de um lado, o poder dos armamentos e, de outro, as posturas irredutíveis das nações em oposição, que terminavam arrastando consigo nações menores, sob sua influência no quadro da geopolítica mundial. Os debates pareciam preocupar-se menos com a necessidade de acabar com o clima de tensões e mais em perpetuá-lo sem fazê-lo chegar às vias de fato. Thompson pondera:

Los que trabajaban por la libertad en el Este eran sospechosos o presentados como agentes del imperialismo occidental. Los que trabajaban por la paz en Occidente eran sospechosos o presentados como <<compañeros de viaje>> pro soviéticos, o ilusos engañados por el Kremlin (THOMPSON, 1983, p.208)<sup>2</sup>.

Em nossa articulação com a reflexão de Thompson, na narrativa do quadrinho vemos que os ativistas ecológicos anti-energia/armas nucleares são criticados por outros personagens como sendo apenas “pessimistas”: “[manifestantes - ]: estamos envenenando o mundo (...) esgoto não tratado (...) E sabem o que fazem com isso? Jogam direto no **maldito oceano!** É isso que fazem! (...) [alguém na multidão diz – ]: Besteira! Vocês são **agitadores!** Não deveria ser permitido...xingar e assustar crianças!” (DELANO, 1989, p.02-03 Grifos do Autor).

Thompson é bastante lúcido em sua reflexão. Para ambos os lados em disputa na Guerra Fria, o Outro aparecia como sendo o “pior inimigo possível”, sempre capaz dos piores atos e dotado com as intenções mais nocivas. Todavia, em sua perspectiva, mais do que criar mecanismos para se defender dos (e, pior ainda, atacar os) inimigos em questão, havia em ambos os blocos contradições e problemas internos cada vez mais incontornáveis.

---

<sup>2</sup> Os que trabalhavam pela liberdade no leste eram suspeitos ou apresentados como agentes do imperialismo ocidental. Os que trabalhavam pela paz no ocidente eram suspeitos ou apresentados como “companheiros de viagem” pró soviéticos, iludidos ou enganados pelo Kremlin. (Tradução nossa).

Uma hipótese levantada por Edward Thompson é que todo o cenário de tensões da Guerra Fria seria um estratagema, utilizado por ambos os blocos, para que não se focasse tais problemas internos. Citando inclusive Shakespeare, nos faz perceber, pela verdade da ficção, algo que à primeira vista não se percebe: “Esto ya era conocido por Shakespeare. El agonizante Enrique IV, sabiendo que su sucesión tropezaría con enemigos, aconsejó a su hijo: ‘Por tanto, hijo mío, entretén durante tu mandato a las mentes atolondradas con potencias externas...’” (THOMPSON, 1983, p.219)<sup>3</sup>.

Na história em quadrinhos que analisamos, uma imponente usina nuclear (Fig. 05, ao lado) situa-se praticamente nas margens da praia, perto onde banhistas e crianças aproveitam a areia e as ondas do mar (DELANO, 1989, p.04).

Tal como em nossos dias, podemos inicialmente imaginar apenas usos pacíficos para a energia então gerada. Entretanto, mesmo se tal energia não fosse deliberadamente cultivada para finalidades militares (como toda a tensão da Guerra Fria sugeria), a própria existência de uma usina desse tipo já é motivo de preocupação.

O acidente na Usina Nuclear de Fukushima, no Japão, em 2011, reafirmou que, em se tratando da manipulação de energia



Fig.05 A Usina na Praia/Rayner e Buckingham (1989)

nuclear, nada é 100% seguro. Recuando um pouco mais no tempo, basta nos lembrarmos da contaminação envolvendo uma pequena quantidade de Césio 137, no Brasil, em 1987. Por fim, não custa lembrar, ainda, o caso da Usina de Chernobyl, cujas consequências do terrível desastre lá ocorrido perduram até os dias de hoje. Para Thompson, aprofundando sua reflexão e enxergando além do ativismo antinuclear e suas motivações ecológicas, a Guerra Fria, pela imensa rede de interesses que sustentava, havia se tornado uma espécie de monstro que se alimenta de si mesmo. Era como uma espécie de “vício”:

<sup>3</sup> Isto já era conhecido por Shakespeare. O agonizante Henrique IV, sabendo que sua sucessão tropeçaria com inimigos, aconselhou a seu filho: “Portanto, filho meu, entretém durante teu mandato as mentes estúpidas com potências externas”. (Tradução nossa)

La guerra fría se ha convertido, en una adicción. Pero se trata de un hábito apoyado por intereses materiales muy poderosos en ambos os bloques: el personal militar-industrial y de investigación de ambos os bloques, los servicios de seguridad y de espionaje y los lacayos políticos de estos intereses. Estos intereses controlan una amplia (y creciente) partida de los recursos y técnicas de cada sociedad; influyen en la dirección del desarrollo social y económico de cada sociedad. A esos grupos les interesa incrementar esa asignación e insistir en esa dirección todavía más. (THOMPSON, 1983, p.218)<sup>4</sup>

A face militarizada da Guerra Fria era a mais perceptível, todavia, não era a única. De fato, muitas das tensões da época decorriam ou do posicionamento de armamentos pesados em territórios que não eram americanos/soviéticos, ou seja, resultavam das tentativas de instalação de bases nos territórios de suas “nações clientes/aliadas”, situadas em suas zonas de influência, ou



Fig.06 A Explosão da Usina/ Mike Hoffman (1989)

da “modernização” dos arsenais, cada vez mais mortíferos. Na narrativa que analisamos, os armamentos também estão presentes e parecem ser usados como símbolos. Numa passagem (DELANO, 1989, p.06), Constantine fuma seu cigarro tranquilamente, olhando crianças brincando com suas mães nas margens da praia. De súbito, dois modernos aviões de combate cruzam os céus num voo rasante sobre a praia, assustando todos com seu barulho supersônico.

Na trama do quadrinho, inicialmente não é revelada a razão da situação, mas, de repente, um clarão emerge por toda a praia, vindo diretamente das instalações nucleares da usina. A explosão da usina nuclear (Fig.06) não parece ter sido causada pelo voo rasante dos aviões. Contudo, o clarão inicial cessa tão rapidamente quanto surgiu, dando lugar, na percepção dos que estavam na praia, ao que

<sup>4</sup>A Guerra Fria se converteu em um vício. Porém, se trata de um hábito apoiado por interesses materiais muito poderosos em ambos os blocos: o pessoal militar-industrial e de investigação de ambos os blocos, os serviços de segurança e espionagem e os lacaios políticos destes interesses. Estes interesses controlam uma ampla (e crescente) divisão dos recursos e técnicas de cada sociedade, influenciam na direção do desenvolvimento social e econômico de cada sociedade. A esses grupos lhes interessa incrementar essa atribuição e insistir nessa direção cada vez mais. (Tradução nossa).

realmente havia acontecido: a usina, talvez até mesmo por mero acidente, já não passava de ruínas em chamas (DELANO, 1989, p.10).

Na areia, os banhistas, mães e suas crianças, assim como casais de namorados e outros frequentadores assistem atônitos toda a situação. Imediatamente, começam a cair do céu dezenas e mais dezenas de gaivotas mortas. A trama dessa história em quadrinhos não sugere também se tal explosão era um fato isolado ou se era uma entre inúmeras explosões que poderiam estar ocorrendo naquele mesmo instante, em outros lugares, como num cenário de guerra total. No céu, o sol começa a ser encoberto, tal como se anoitecesse antes da hora.

O receio de um confronto total entre as potências era mais do que recorrente, visto que, pela política da “dissuasão” (fazer o inimigo não atacar, por medo das retaliações), a ameaça de guerra era um dos principais instrumentos político-diplomáticos. Circulavam em comerciais de televisão as orientações da chamada política do “*Protect and Survive*”<sup>5</sup>. Em tais comerciais são indicados os principais métodos ou modos através dos quais seria possível viver durante um ataque nuclear e sobreviver ao cenário subsequente. Entretanto, Thompson afirma que:

I have suggested ways in which the Cold War may be viewed as a structured set of relations, which has become functional for certain interests and ruling groups on both sides. They do not ‘want’ nuclear war but they do need the Cold War to continue and would not know how to govern their halves of the world without it. (THOMPSON, 1987, p.24)<sup>6</sup>

Em conferências e entrevistas, como estas que temos citado, nas quais Thompson expressou seu engajamento intelectual e seu esforço em oferecer novos pontos de vista para o cenário da Guerra Fria, no qual ele viveu, não há a indicação de que todo esse cenário fosse mecanicamente determinado, inexorável. Pelo contrário, Thompson rubrica o caráter humano e histórico de todo esse clima de tensão. O imperativo para ele é que fosse aceita a perspectiva de que o confronto total, assim como a ideia de manutenção desse estado de ordem sociopolítico permanentemente belicoso, poderia (e deveria) ser revertido.

---

<sup>5</sup> Na internet um usuário do site de vídeos Youtube postou uma compilação desses comerciais de TV. É possível acessá-los nesse link <<https://www.youtube.com/watch?v=m6U9T3R3EQg>>.

<sup>6</sup>Eu sugeri meios nos quais a Guerra Fria pode ser vista como um estruturado conjunto de relações, as quais se tornaram funcionais para certos interesses e grupos governantes em ambos os lados. Eles não “querem” uma guerra nuclear, mas precisam da Guerra Fria para continuar e não saberiam como governar suas metades do mundo sem ela. (Tradução nossa).

Thompson ressalta o fato de que o próprio fenômeno de oposição entre as potências americana e soviética já não era mais sustentado por questões meramente ideológicas. É como se a Guerra Fria tivesse se tornando um grande negócio lucrativo para ambos. Thompson insiste em afirmar que, no caso de ser deliberadamente mantido e, na pior das hipóteses, levado ao estado final de guerra mundial nuclear, é a própria espécie humana que se coloca em risco.

Para Thompson, já que a Guerra Fria não era mais motivada por suas razões ideológicas iniciais (não que isso a justificasse, evidentemente), naquele momento em que participava de conferências e dava entrevistas, ele a via como um fenômeno sustentado por pura hipocrisia, de ambos os lados: “La causa de la libertad y la causa de la paz parecían haberse separado. El <<Oeste>> reclamaba libertad; el <<Este>>, paz. Podríamos hablar durante horas acerca de cómo valorar y calificar esas dos reivindicaciones. Cada una de ellas contenía una parte de verdad y una parte de hipocresía” (THOMPSON, 1983, p.205)<sup>7</sup>

Na história em quadrinhos “Na Praia”, mais do que debates acerca de tendências políticas ou ideológicas, é a questão da sobrevivência da própria espécie humana que é colocada em evidência nesse contexto da Guerra Fria. Imediatamente após a explosão da usina nuclear, cada um começa a “cair em si mesmo”. As mães começam a agasalhar seus filhos, na medida em que o sol, oculto, já não brilha mais no céu para aquecê-los. Um dos banhistas que estava na praia no momento da explosão era um dos funcionários da usina aproveitando seu dia de folga. Ao perceber a gravidade da explosão, deixa sua namorada aflita e corre em direção ao seu lugar de trabalho, completamente destruído pelas chamas (DELANO, 1989, p.11). Inicialmente, esse personagem tenta acalmar sua namorada, procurando minimizar a gravidade da situação, afirmando que tão logo fosse possível ele retornaria para buscá-la. Como era de se esperar, o personagem não retorna.

No decorrer da trama Constantine encontra uma mãe que estava na praia com seus dois filhos. Essa mulher, preocupada com as chagas que seus filhos começavam a apresentar em seus rostos, desespera-se. Ela constatava a demora cada vez maior de seu marido em vir buscá-los. Constantine inicialmente a ignora, mas, em seguida, tenta acalmá-la. Ele pretende sair da área

---

<sup>7</sup> A causa da liberdade e a causa da paz pareciam ter se separado. O ocidente reclamava liberdade e o leste, paz. Poderíamos falar durante horas acerca de como valorar e qualificar essas duas reivindicações. Cada uma delas continha uma parte de verdade e uma parte de hipocrisia. (Tradução nossa)

da praia e afirma que tentaria encontrar o marido dela durante o percurso. Todavia, quanto mais ele se afastava da praia, mais o cenário que ele contempla se torna caótico e desalentador. Nenhum sinal de vida nos primeiros momentos; muitas casas soterradas, alguns cadáveres e dezenas de gaivotas mortas, espalhadas pelo chão (DELANO, 1989, p.13).

O pior cenário desenhado pela Guerra Fria estava para além do conflito militar em si mesmo. Considerando a capacidade bélica em jogo, e considerando também os prospectos desanimadores feitos na época do *“Protect and Survive”*, talvez seja possível afirmar que pior do que enfrentar a guerra mundial nuclear seria ter que sobreviver após seu término: como seria viver num mundo infértil, quase que desertificado, provavelmente com ar, solo e água contaminados, que se pareceria com as cidades de Hiroshima e Nagasaki após a queda das bombas nucleares?

Na trama do quadrinho, Constantine tentava sair da praia em busca da ajuda e de outros sobreviventes. No entanto, em meio ao cenário desolador que contemplava, ele se depara com a outra face daqueles que sobreviveram: o medo. No decorrer da trama Constantine se depara (Fig.07 ao lado) com dois homens desconhecidos (DELANO, 1989, p.13)



Fig.07 Trajes de Contenção/ Mike Hoffman (1989)

devidamente vestidos com trajes de contenção anti-radioativos e com os instrumentos capazes de quantificar o nível de contaminação radioativa de algo ou em alguém. Um desses homens automaticamente diz: “Ei! Dê o fora. Não queremos ver **você** por aqui”, ao passo que Constantine responde surpreso: “**Hã?** Por que **não?**” (DELANO, 1989, p.13 Grifos do autor).

Esses dois homens, devidamente protegidos com seus trajes especiais, tratam logo de indicar para Constantine que não há ajuda possível para aqueles tivessem sido contaminados de forma irreversível. O argumento deles, no quadrinho, é bastante fútil ao explicarem porque não o queriam por perto, enquanto mediam com instrumentos seus níveis de radiação: “Porque você está todo **fodido**...e vai assustar as crianças!” (DELANO, 1989, p.13). Ao ter certeza de que não

haveria nenhum tipo de ajuda por parte dos sobreviventes não contaminados, Constantine decide voltar para a praia, pois ao menos lá ele estaria entre iguais e, assim sendo, seria aceito.

Thompson, em sua reflexão, afirma que todo o fenômeno da Guerra Fria não repousava somente em aspectos políticos, ideológicos ou militares, mas, também, em questões de caráter cultural. Thompson pensa esse fenômeno através da questão das identidades nacionais e pela constituição de um “Outro” sempre representado como “o inimigo”: “Every nation needs the idea of an Other (or others) to bind itself together in its own identity, and to that degree the Other is a projection of its own need. And nations need the Other most of all when their own identity is

blurred or insecure or when the rulers fear internal disaffection”(THOMPSON, 1987, p.25)<sup>8</sup>

Assim sendo, além da vasta gama de interesses que a Guerra Fria sustentava e alimentava, para Thompson, havia também a questão das identidades nacionais, em ambos os lados desse conflito. E não é exagero afirmar que mesmo em nossos dias, já com a Guerra Fria encerrada, a questão do Outro, visto como o “Inimigo permanentemente ameaçador”, continua mais atual do que nunca: os atores mudam, mas o papel continua a ser representado.



Fig.08 A Companheira/ Mike Hoffman (1989)

No caso da trama do quadrinho, tendo ocorrido esse desastre nuclear, mediante ataque/sabotagem (ou mesmo por um mero acidente), o Outro agora é justamente o contaminado, aquele que já não pode mais conviver com os demais. Nesse sentido, Constantine ao retornar para a praia reencontra a namorada do funcionário da usina que não retornou para buscá-la. Essa mulher (Fig.08), isolada e desolada, havia feito sozinha um pequeno abrigo para si (DELANO, 1989, p.16). Nas páginas do quadrinho, não há uma indicação precisa da passagem do

<sup>8</sup> Cada nação precisa da ideia de um Outro (ou Outros) para se ligar em conjunto e em sua própria identidade, e neste grau o Outro é a projeção de suas próprias necessidades. As nações precisam do Outro acima de tudo quando sua própria identidade está ofuscada ou insegura ou quando os governantes temem desordens internas. (Tradução nossa)

tempo, cuja razão explicaremos adiante. Todavia, agora, seres iguais em chagas e condição, a única opção que restava para Constantine e essa mulher era conviverem e sobreviver.

Na continuidade de sua análise histórica do fenômeno da Guerra Fria, da corrida armamentista e das ameaças constantes, de ambos os lados, de uma possível guerra nuclear mundial, que colocaria a existência e a sobrevivência da espécie humana na terra em xeque, Edward Thompson aponta que uma alternativa analítica para superar o quadro bipolarizado então instalado na geopolítica mundial, naquela época, não poderia/deveria ser a criação de um “terceiro bloco”, para antagonizar com os dois já existentes.

Isto, certamente, apenas iria agravar ainda mais o cenário já conturbado e tenso. Ao invés disso, ele sugere a adoção de uma nova postura política e diplomática por parte das nações “clientes”, aliadas, em relação à ambos os blocos:

The bipolarity of our world and the confiscation of the world's destiny into the control of the opposed superpowers is the greatest of our dangers. We need to rebuild a plural international community, with polycentric diplomacies, or the furious mutual incitements of bipolar Otherness will destroy us all. That is why we favour a strategy of detaching European nations, East and West, from either superpower pole, and forming good neighborly relations with non aligned nations in the Third World. (THOMPSON, 1987, p.32)<sup>9</sup>

A intenção de enfraquecer a bipolaridade geopolítica tinha como objetivo abalar também a crença no que poderia ser chamado de “efeito dominó”: em caso de guerra, os aliados em cada bloco se enfrentariam seguindo seus “líderes”. As duas nações em oposição indireta (EUA e U.R.S.S.) não somente procuravam dissuadir o seu Outro, como também persuadiam suas nações clientes, aliadas, a adotarem políticas internas e externas que não eram necessariamente as suas, ou seja, que atendiam antes aos interesses americanos e soviéticos. Logo, enfraquecer o monolitismo bipolar daria fôlego novo, além de indicar novos horizontes que não estavam atrelados diretamente aos interesses das nações que lideravam cada bloco.

---

<sup>9</sup> A bipolaridade de nosso mundo e o confisco do destino do mundo colocado no controle de superpotências opostas é o maior de nossos perigos. Nós precisamos reconstruir uma comunidade internacional plural, com diplomacias policêntricas, ou os mútuos incitamentos furiosos da alteridade bipolar destruirão a todos nós. É por isso que nós somos a favor de uma estratégia de desvinculação das nações européias, orientais e ocidentais, de cada um dos pólos das superpotências, e a formação de boas relações de vizinhança com as nações não alinhadas no terceiro mundo. (Tradução nossa)



Fig.09 A Gravidez / Mike Hoffman (1989)

Na trama da história em quadrinhos, em face da ausência total de ajuda para aqueles que foram atingidos pela radiação, havendo aí, em nossa leitura, o estabelecimento de um novo Outro ameaçador (o sobrevivente contaminado), Constantine passa a conviver com a mulher que fora deixada na praia por seu namorado.

Em suas reflexões, Constantine passa a se preocupar não somente com a sobrevivência de ambos, mas com a

sobrevivência da própria espécie. Assim sendo, passa a conjecturar modos através dos quais eles pudessem gerar um filho (Fig.09), ainda que o cenário fosse avesso à qualquer um desses pensamentos e à qualquer perspectiva positiva. Não somente faltava ajuda, como os corpos de Constantine e da moça já apresentavam marcas mais do que inegáveis de que logo faleceriam. Numa tentativa mais do que desesperada, Constantine tenta – contra toda a situação circundante – seduzir a moça visando perpetuar a espécie (DELANO, 1989, p.17).

Na sequência, há uma indicação rápida do passar do tempo. As investidas de Constantine foram bem sucedidas – pelo menos em parte. A moça aceitou Constantine, engravidou e os meses de gestação que se seguiram foram paralelos à decomposição de ambos, sendo que a mulher debilitara-se muito mais rapidamente (DELANO, 1989, p.18). Não se sabia quanto tempo de vida ainda tinham, nem mesmo o que nasceria de seu ventre.

Constantine faz o parto de sua “esposa”, de sua companheira pós-apocalipse nuclear. Como era previsto, a mulher não sobreviveu. Nesse tempo nuclear, com os níveis de radiação superando todos os limites aceitáveis, era de se esperar não somente a decomposição dos corpos outrora sãos, mas, também, a mistura, a mutação das espécies.

Nessa “situação” caótica, os pássaros e aves da beira-mar estranhamente já viviam sem suas aparências normais: eram verdadeiros esqueletos voando famintos, sempre em busca do alimento que já não existe mais. E, como resultado das possíveis mutações derivadas da radiação, a criança que a mulher havia parido não era humana (DELANO, 1989, p.19). Era uma espécie de foca com duas cabeças (Fig.10). Constantine, ao tomá-la nas mãos, tenta se alegrar um pouco e enxergar nisso um bom presságio. Todavia, a criatura recém-nascida, ainda não tão debilitada, escapa de suas mãos e sai pulando pelo chão, instintivamente, em busca das águas do mar.

Ainda procurando alegrar-se, Constantine encoraja o “filho” a continuar seguindo em direção ao mar. Ele mesmo, por conta das chagas e da subnutrição em que vivia, praticamente não



Fig.10 O “Filho” / Mike Hoffman (1989)

possui forças nem mesmo para acompanhar a

criatura em sua trajetória. Em razão disso, não conseguiu impedir o ataque feito pelas aves esqueléticas que viviam nos arredores da praia. Não custou muito para que o “filho” mutante de Constantine fosse morto e devorado pela voracidade das aves que o atacavam (DELANO, 1989 p.21).



Fig.11 A Desistência / Mike Hoffman (1989)

Completamente sozinho, sem saber ao certo o que havia acontecido com o planeta, com a saúde física e mental cada vez mais debilitada, não somente em decorrência dos efeitos da radiação que degenerava seu corpo, mas pelo terror psicológico que a vivência de toda aquela situação implicava, Constantine finalmente desiste de (sobre)viver (Fig. 11) e decide entregar-se,

também, à voracidade das mesmas aves que atacaram seu “filho” recém-nascido (DELANO, 1989, p.22).

Os imperativos do cenário no qual ele vivia eram insuportáveis. Ainda que não fosse clara a razão que proporcionou a explosão da usina nuclear, o certo é que nesse cenário literalmente apocalíptico, as chances de sobreviver são as mínimas possíveis. Como o quadrinho sugere, as possibilidades de extinção da espécie humana são quase incontornáveis.

Entretanto, essa história em quadrinhos utiliza um recurso narrativo bastante comum: o sonho. Toda essa circunstância vivida pelo personagem Constantine havia sido um verdadeiro pesadelo que ele teve enquanto dormia nas margens da praia. Evidentemente, todo esse pesadelo nuclear descrito nas páginas dessa história em quadrinhos estava, em nossa ótica, diretamente relacionado com o momento de tensão e receio vivido durante a Guerra Fria.

O personagem Constantine tem um pesadelo no qual encontra-se num dos piores cenários possíveis sugeridos pela Guerra Fria. Ainda que esse quadrinho tenha sido publicado em 1989, acreditamos que o peso dessas tensões ainda era forte por essa época, tendo sido acumuladas durante anos. A mensagem que esse quadrinho transmite, se assim podemos dizer, é muito significativa, sugerindo um forte potencial indiciário.

É em face disso que acreditamos ter sido possível, nesse trabalho, propor a presente discussão, sobretudo, articulando com algumas das reflexões que o historiador Edward P. Thompson teceu. Para além das questões ideológicas, políticas, militares e econômicas, havia outra questão mais fundamental: a ecológica. E acreditamos também ser possível sugerir que a questão da ecologia em Thompson não diz respeito meramente à preservação da natureza tal como se esta estivesse separada da preservação da espécie humana:

Nuestra especie ha sido favorecida en este planeta, aunque no siempre hayamos sido buenos guardianes de los recursos terráqueos. Nuestra permanencia sobre la Tierra, medida con la escala de los tiempos geológicos, ha sido breve. Nadie puede decirnos cuál es nuestra tarea aquí, pero creo que consiste en algo más que en consumir tanto como podamos y en hacer estallar el lugar. (...) Tenemos una necesidad, si no un deber, profundamente enraizada en nuestra cultura: dejar este lugar en condiciones no peores de como lo encontramos. Quienes no confiamos en una vida después de la muerte podemos considerar que ésta es nuestra única inmortalidad: transmitir la sucesión de la vida, la sucesión de la cultura. Puede incluso que nos sintamos más felices comprometiéndonos en

asuntos que van más allá de nosotros mismos y de nuestras necesidades. (THOMPSON, 1983. p.239)<sup>10</sup>

Portanto, acreditamos que, para Thompson, da mesma maneira que não se podia compreender e discutir alternativas para o fim da Guerra Fria pensando em separado as noções de “liberdade” e “paz”, tampouco podemos pensar a questão da sobrevivência da espécie humana de modo separado da noção de ecologia, isto é, sem incluir na natureza a nossa própria espécie.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As guerras, por si só, são fenômenos degradantes. Elas lapidam na condição existencial humana a pior das qualidades: a negação – ou a reificação – pura e simples do Outro. Como Thompson tentou nos mostrar, a Guerra Fria e os cenários possíveis que ela sugeria conduziram à uma situação de degradação total. Se nas guerras tradicionais os cenários pós-conflito são realidades cruéis a serem superadas, na ocorrência de uma guerra mundial nuclear as possibilidades de superação seriam extremamente limitadas, senão praticamente nulas.

É possível encarar a guerra em sua teatralidade, até mesmo como uma arte, onde os talentos estratégicos e táticos afloram, onde nascem os “heróis”. Todavia, longe de qualquer tipo de “*glamour*” ou romantismo, no fenômeno da guerra, a vida de dezenas, de centenas, de milhares ou milhões de pessoas torna-se apenas uma “mercadoria”, uma “moeda de troca”, dados que serão sistematizados para uma futura estatística.

Tentamos mostrar neste trabalho em que sentido as chamadas histórias em quadrinhos constituem uma linguagem narrativa diferenciada, mas rica, articulando de modo essencial e particular os potenciais narrativos não somente da palavra escrita, mas da própria imagem. Indicamos, em linhas gerais, que um momento de renovação das narrativas gráficas ocorreu, precisamente, durante a década de 1980, período no qual ainda se vivia os temores de

---

<sup>10</sup> Nossa espécie tem sido favorecida neste planeta, apesar de nem sempre termos sido bons guardiões dos recursos terráqueos. Nossa permanência sobre a terra, medida com a escala dos tempos geológicos, é breve. Nada pode nos dizer qual é nossa tarefa aqui, porém creio que consiste em algo mais que consumir tanto quanto possamos e em explodir o lugar. Temos necessidade, se não um dever, profundamente enraizado em nossa cultura: deixar esse lugar em condições não piores às que encontramos. Aqueles que não confiam em uma vida depois da morte podem considerar que essa é a nossa imortalidade: transmitir a sucessão da vida, a sucessão da cultura. Pode ser, até mesmo, que nos sintamos mais felizes comprometendo-nos em assuntos que vão mais além de nós mesmos e de nossas necessidades. (Tradução nossa)

uma possível guerra mundial nuclear. É esse mesmo cenário que algumas histórias em quadrinhos hoje clássicas terminaram “narrando graficamente”, como foi o caso da HQ “Na praia”, integrante do universo fictício *Hellblazer*, alguns dos receios derivados da Guerra Fria.

Nessa HQ, o roteiro de Jamie Delano e as artes gráficas (de Hoffman, Rayner e Buckingham) se esforçam para representar como seria a (sobre)vida num cenário pós-nuclear. Curiosamente, ao destacarmos nessa HQ, esse tema, e ao estabelecermos um diálogo com as reflexões de Thompson, percebemos que há algumas convergências temáticas. Cabe lembrar, logicamente, que os aspectos sugeridos por Thompson que colocamos em evidência é uma simplificação de suas análises. Entretanto, tal como o quadrinho mostra, para além das questões políticas, sociais, econômicas, enfim, ideológicas, o que estava em risco com a possibilidade de guerra (ou mesmo acidente) nuclear era, justamente, a capacidade de a espécie humana sobreviver a si mesma.

Tal como Thompson sugeriu, muitos dos impasses vividos no período derivaram de uma reflexão dicotomizada – uma “liberdade” sem “paz, ou uma “paz” sem “liberdade”. Enquanto não superarmos dialeticamente essas dicotomias e polarizações inférteis, provavelmente continuaremos a nos colocar em risco, sobretudo, quando continuamos a nos ver como uma espécie isolada, superior, seja em relação ao “Outro”, que elegemos frequentemente como inimigo (o qual termina sendo quase sempre uma imagem projetada daquilo que nós mesmos somos ou podemos ser), seja em relação à natureza, que temos consumido de modo extenuante.

## REFERÊNCIAS

DELANO, JAMIE. *On The Beach* (Na Praia) In: *Hellblazer – John Constantine*. Dc Comics/Vertigo, 1989. (Artes por: Richard Piers Rayner, Mark Buckingham e Mike Hoffman).

EISNER, Will. *Narrativas Gráficas*. São Paulo. Devir, 2005. Tradução de Leandro Luigi Del Manto

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1989. Tradução de Luís Carlos Borges.

MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo. Makron Books Editora, 1995. Tradução de Hécio de Carvalho e Maria do Nascimento Paro.

THOMPSON, Edward Palmer. The Rituals of Enmity In: SMITH, Dan. THOMPSON, Edward Palmer (Orgs). *Prospectus for a Habitable Planet*. Penguin Books, 1987.

\_\_\_\_\_. Más Allá de La Guerra Fría In: *Opción Cero*. Editorial Crítica, 1983.



Submissão: 07 de março de 2016  
Avaliações concluídas: 23 de março de 2016  
Aprovação: 12 de agosto de 2016

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

TEODOSEO, Danilo Linard. Imagens da Guerra Fria na História em Quadrinhos: “Na Praia” do Universo Ficcional Hellblazer (*Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação*). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 181-204 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >